

VAMOS LÁ PÔR AS PINTAS NOS “ii”

É UMA VERDADE BEM CONHECIDA NO SINDICALISMO, QUE

“QUEM FOMENTA A DIVISÃO, ESTÁ AO SERVIÇO DO PATRÃO”

Os pretextos que o STPT utilizou na informação de 3/Nov. através da qual pretende justificar a saída da Frente Sindical, provam à evidência o título deste comunicado, chegando ao descaramento de afirmar “designada Frente Sindical”, quando estava dentro era Frente Sindical, agora que saiu é “designada Frente Sindical.” Que falta de respeito.

Alguns factos que os trabalhadores bem conhecem, mas que não são demais repetir, assim:

A “doença incurável” do presidente do STPT pela Comunicação Social tem sido evidente ao longo dos anos, mas acentuou-se em 2017, aquando do processo da Transmissão de Estabelecimento, o que levou os restantes sindicatos da Frente Sindical, a imporem regras, em que a intervenção para os Órgãos de Comunicação Social tinha que ser em rodízio, que ele teve que engolir.

Com o processo do Despedimento Colectivo o “filme” repetiu-se e logo no início um dos Sindicatos da Frente Sindical propôs que se repetisse o formato de 2017, o que não foi aceite pelo presidente do STPT, com o argumento que ele tinha que falar sempre porque o discurso era diferente.

Isso todo o mundo sabia, porque o discurso dos Sindicatos revolucionários é um e o de um sindicato reformista é outro bem diferente, nas situações críticas sempre do lado do patrão.

Fenómeno interessante: Quanto aos Despedimentos Colectivos, há um conjunto de empresas, Altice, Banca e várias outras abrangidas por este brutal ataque aos trabalhadores e suas Organizações Representativas.

Em nenhuma destas empresas abrangidas, se viu algum sindicato a falar em despedimento colectivo antes deste ser anunciado pelos patrões.

Porque terá sido que na Altice, logo no princípio do ano, o STPT começou a falar em despedimentos colectivos, quando a Adm. só anunciou este processo em Junho?

O STPT será adivinho e com muita antecedência, ou alguém lhe passou previamente essa informação para ir começando a preparar o terreno muito tempo antes do facto acontecer? **Os trabalhadores que meditem.**

Prática já velha. Todos os que andam nesta vida sindical na PT-MEO-Altice, se lembram bem de qual tem sido o papel do STPT principalmente desde 1995, que tem sido nos momentos chave, estar sempre do lado do patrão. Parece que isto não tem cura.

Jogar em dois Tabuleiros não vale. No processo do Despedimento Colectivo, bem cedo o STPT começou a jogar em dois tabuleiros, por um lado solicitava reuniões em seu nome à ANACOM, Regulador e ACT e ao mesmo tempo participava nas iniciativas solicitadas ou agendadas pelos restantes sindicatos.

O STPT queria “andar em todos os carrinhos possíveis”, utilizar os “palanques” e as infra-estruturas da CGTP e USL, organizações para as quais não contribui com nada, com o “slogan” do independentismo, mas quando lhe interessa lá “vai bater à porta da CGTP”, ou seja, andar no “carrinho” da CGTP/USL e ao mesmo tempo no “carrinho” da Frente Sindical. Temos que ser sérios intelectualmente. Assim não.

Quando o STPT vem acusar os outros Sindicatos de “estarem mais preocupados com os seus interesses pessoais do que com os superiores interesses dos trabalhadores”, certamente estará a ver-se ao espelho, porque é nesse sindicato que esta afirmação “assenta que nem uma luva”.

Não foi o SNTCT que fez a exigência do STPT sair da Frente Sindical, nem qualquer um dos outros Sindicatos, foi sim o seu comportamento que o obrigou a ter que sair, porque a sua participação era insustentável, mas a falta de humildade não o deixa ver que a culpa que quer atribuir aos Sindicatos da Frente Sindical, é unicamente sua.

A fusão sindical. O STPT lá vem com a lenga-lenga da fusão sindical, quando todos sabemos que a Direcção deste sindicato não quer qualquer reestruturação/fusão, prefere manter a sua “quinta”, ainda que cada vez “com menos árvores”, mas fazendo crer o contrário.

Um processo sério de reestruturação sindical, é tratado com princípios éticos.

O que o STPT fez há meses, foi enviar uma “carta” a alguns sindicatos a propor uma reunião, mas ao mesmo tempo ou antes, divulgou essa carta em comunicado e a própria MEO teve conhecimento primeiro que alguns sindicatos.

A ética aconselhava um convite aos sindicatos, se estes o aceitassem e reunissem, então a seguir sairia uma informação com as conclusões, mas o “populismo doentio” impede o STPT de ver a realidade.

Inevitável. A reestruturação sindical vai inevitavelmente acontecer um dia, mas com outros actores, não com a actual direcção do STPT.

Quanto ao SINTTAV. Como este Sindicato é visado no comunicado do STPT, conjuntamente com os restantes Sindicatos da Frente Sindical, estes deram “luz verde” para o SINTTAV repor a verdade neste comunicado, pelo que o texto seguinte é da sua responsabilidade, assim:

Quanto ao dito assédio aos associados, o SINTTAV faz o que sempre fez, tenta sindicalizar com argumentos sérios, convencendo os trabalhadores da razão de se sindicalizarem, porque faz sindicalismo.

O STPT tenta “comprar associados a troco de prémios”, incluindo relógios e outras coisas, porque faz “mercantilismo sindical”.

Esta é a grande diferença entre os dois sindicatos, um revolucionário e outro reformista, que só não vê quem não quer, porque o “maior cego é aquele que não quer ver”.

Quanto a uma queixa-crime ao Ministério Público contra o Presidente do SINTTAV, por alegadas “injúrias e difamações”, os trabalhadores ao terem conhecimento da atitude do STPT, certamente ficaram perplexos porque nunca viram semelhante coisa e o mais interessante é como o maior “provocador sindical” a nível do sector, vem acusar o Presidente do SINTTAV, daquilo em que ele é “useiro e vezeiro”.

O STPT pode apresentar 20 ou mais queixas-crime contra o SINTTAV ou o seu Presidente, mas se o objectivo é limitar o nosso Sindicato nas denúncias que entender fazer, podem “tirar o cavalo da chuva”.

Por fim. A Frente Sindical dá este tema por encerrado, não responderá a mais provocações a não ser que a isso nos obriguem, porque a nossa preocupação é defender os trabalhadores da Altice Portugal, particularmente num período em que os trabalhadores e quem os defende estão confrontados com os maiores ataques patronais alguma vez vistos no sector.

Esta situação exige de todos os intervenientes, uma grande responsabilidade, não diremos trabalhar em **UNIDADE** porque isso não está ao alcance de todos, mas procurar trabalhar em termos de **convergência na acção**, cada organização mantendo as suas características próprias.

É isto que os trabalhadores esperam e é isto que a actual situação exige, como forma de se barrarem os intentos à pior Adm. que as Empresas que deram origem à PT e as seguintes já tiveram.

A LUTA CONTINUA, NA EMPRESA E NA RUA.

NUNCA NO SECTOR HOUVE TANTOS MOTIVOS PARA LUTAR.